

ECOPEDAGOGIA ECOSÓFICA PLANETÁRIA COMPLEXA: UM ENSAIO FREIREANO

Complex Planetary Ecosophical Ecopedagogy: a Freirean Essay

Ivan Fortunato

Doutor em Geografia (UNESP) e Doutorando em Ecologia Aplicada (ESALQ/USP)

Instituto Federal de São Paulo, Itapetininga, Brasil

ivanfrt@yahoo.com.br

Milagros Elena Rodríguez

Doctora en Innovaciones Educativas (UNEFA) y Doctora en Patrimonio Cultural (ULAC)

Profesora Investigadora Titular

Universidad de Oriente, Cumaná, Sucre, Venezuela

melenamate@hotmail.com

Recebido: 27/04/2025

Aceito: 02/06/2025

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão crítica, pragmática e esperançosa sobre a Ecopedagogia, fundamentada no pensamento Freireano e orientada por uma investigação autorreflexiva no estilo de Montaigne. Por meio do ensaio como método de construção epistemológica, apresentamos o conceito de Ecopedagogia Ecosófica Planetária Complexa. Argumentamos que essa abordagem educacional pode contribuir para adiar a destruição do planeta ao promover uma consciência planetária crítica, ética e sensível. Os principais resultados residem na articulação entre ecopedagogia, ecosofia e pensamento complexo, compondo uma proposta decolonial e integradora para a educação contemporânea.

Palavras-chave: ecopedagogia, ecosofia, Paulo Freire.

Abstract

This essay proposes a critical, pragmatical and hopeful reflection on Ecopedagogy, grounded in Freirean thought and guided by a self-reflective inquiry in the style of Montaigne. By employing the essay as a method of epistemological construction, we present the concept of Complex Planetary Ecosophical Ecopedagogy. We argue that this educational approach can contribute to postponing the destruction of the planet by fostering a critical, ethical, and sensitive planetary consciousness. The main outcomes lie in the articulation between ecopedagogy, ecosophy, and complex thought, forming a decolonial and integrative proposal for contemporary education.

Keywords: ecopedagogy, ecosophy, Paulo Freire.

... UM ENSAIO FREIREANO

Os avanços científicos na saúde são inegáveis e prodigiosos, mas atingem uma pequena parcela da população; os supostos avanços tecnológicos na alimentação são controversos e causam sérios problemas ecossistêmicos e de saúde. Em suma, o grande paradoxo é que o bem-estar prometido e previsto pelo desenvolvimento segundo os padrões capitalistas há pelo menos 200 anos e especialmente desde o pós-guerra é um fracasso evidente e com consequências catastróficas. No entanto, as receitas que continuam sendo propostas para resolver a crise ainda fazem parte da agenda ideológica, epistêmica e econômica que a criou, e a educação tem parte nisso (Sessano, 2024, p. 79, tradução livre).

Este é um texto crítico sobre Ecopedagogia, que se qualifica como pragmático e esperançoso, o qual o produzimos como um ensaio. Importante mencionar que não estamos sozinhos, pois vários autores também ousaram produzir conhecimento pela via ensaística (Mormul, 2018; Batista, 2021; Moreira; Aguiar, 2024).

Optamos pelo ensaio, compreendido como uma construção epistemológica legítima no campo científico. Os ensaios são formas de escrita decolonial que, em sua origem, escaparam à opressão da colonialidade metodológica. É preciso reconhecer os ensaios como legítimos produtores de conhecimento, mesmo que contrarie as exigências normativas da ciência tradicional. Por isso, escrever em forma de ensaio é também um gesto decolonial, isto é, um movimento libertador do ser que se interroga e se reinventa à luz da própria escrita.

Aqui, orientados pela práxis Freireana, assumimos uma abordagem ensaística autorreflexiva. A escolha do ensaio se justifica por sua potência heurística, a qual permite uma articulação entre vivências, teorias e proposições em torno do visto e do vivido. Como bem colocou Meneghetti (2011, p. 326): “a razão subjacente ao ensaio não é de caráter instrumental ou mecanicista, ou seja, a razão é a da razão transgressora”.

Assim, nosso texto assume o método reflexivo-ensaístico como espaço de criação, experimentação e resistência diante dos desafios contemporâneos. Michel de Montaigne é considerado o fundador do gênero; sobre ele se diz que “sua obra deu origem a um novo gênero, uma maneira de escrever e, talvez, uma forma de pensar que ainda nos é próxima” (Rosalney, 2016, p. 177). Dessa forma, assumimos que nossa intenção é ensaiar ao estilo de Michel de Montaigne – “para satisfazer plenamente à lei do ensaio é preciso que o *ensaiador* se ensaie a si mesmo” (Starobinski, 2011, p. 19). Por isso, voltamos a nós mesmos para escrever criticamente.

Assim, nossas evidências para o pragmatismo se encontram justamente na apresentação nua e crua da realidade vivida – *há pelo menos 200 anos*, como lemos na

epígrafe – a partir da qual afirmamos que não há educação ou pedagogia alguma capaz de salvar o mundo. Afinal, a transformação da *agenda ideológica, epistêmica e econômica* não depende apenas de um método ou abordagem educativa, mas de um compromisso coletivo, político e estrutural com a mudança.

Já a esperança vem da nossa qualidade de *sermos Freireanos*, vivendo a crise além de meras expectativas otimistas, mas por meio de atitudes. Aliás, dizemos que se trata de *esperançar*, pois se a esperança quer dizer espera, aguardo, *esperançar* quer dizer agir positivamente, resistindo e transformando. Como docentes no Brasil e na Venezuela, nossos *atos de esperançar* são didáticos, desenvolvidos nas salas de aula, nos corredores das instituições, nas orientações de nossos estudantes, nos seminários e palestras, tornando-se cristalizados em nossos escritos.

Nos últimos anos, temos trabalhado em temas que tangenciam, intersectam, confluem e se confundem com a ideia de Ecopedagogia (Rodríguez; Fortunato, 2022a; 2022b; Rodríguez; Fortunato; Rodríguez, 2022). Aqui, almejamos ir além, ao traçar uma proposta realista-esperançosa sobre Ecopedagogia que, mesmo incapaz de salvar o mundo, pode ser que adie seu fim. Adiar o fim do mundo é um *ato de esperançar* aprendido com Krenak (2019), que nos revelou uma realidade assustadora: vivemos em ambientes artificiais criados à custa da devastação de florestas, montanhas, rios, fauna, flora – da própria vida.

Na análise da bioética complexa (Rodríguez; Fortunato, 2022a), enfrentamos desafios cruciais, como a desconstrução do reducionismo, a fim de alcançar uma compreensão mais ampla que conectasse saberes e contextos diversos. Outro desafio foi re-ligar a bioética aos processos humanos, ao questionar práticas alienadas por enfoques simplistas. Abordamos também as desigualdades e injustiças, por meio da ética como resistência. A integração de múltiplas perspectivas, incluindo saberes acadêmicos, populares e espirituais, foi fundamental para um conhecimento mais inclusivo. Além disso, propusemos a decolonização do pensamento, capaz de desconstruir formas de conhecimento dominantes que ignoravam a diversidade cultural. Nesse processo, trouxemos as contribuições de Van Rensselaer Potter e Edgar Morin, cujas ideias podem transformar a educação humana, tornando-a mais integrada, ética, crítica e consciente das complexidades do mundo que nos cerca, capacitando-nos a lidar com os desafios contemporâneos da sociedade.

Nossa discussão sobre Educação Ecosófica Planetária abarcou várias dimensões-chave, centradas na interconexão entre os seres humanos e a natureza (Rodríguez; Fortunato, 2022b). Reconhecemos a importância de um *sentipensar* que integrasse razão

e emoção, promovemos a inclusão de todos os seres, que respeita a Terra como um refúgio comum, e fomentamos a formação de cidadãos responsáveis, conscientes de seu papel no planeta. Utilizamos uma abordagem rizomática para desconstruir narrativas estabelecidas sobre a educação e a relação humana com a natureza. Além disso, promovemos o amor e o respeito pela vida, que visam minimizar danos à natureza, e favorecemos a educação para a compreensão e interdependência entre os seres vivos, com o objetivo de formar indivíduos mais conscientes e responsáveis.

Ainda, apresentamos a Educação Ecosófica Planetária a partir de Félix Guattari (Rodríguez; Fortunato; Rodríguez, 2022). Trata-se de uma proposta educacional que reconecte os indivíduos com a natureza e a coletividade, superando o reducionismo predominante. Com o autor, defendemos uma aprendizagem sensível e inclusiva, que valorize a diversidade e a interconexão entre saberes. Inspirado-nos na proposta de construção de conhecimento rizomática, isto é, de forma não-linear, mas dinâmica, apostamos na Educação Ecosófica Planetária como essencial na recivilização e na resposta à crise ambiental, com o objetivo de promover uma consciência coletiva, ética, estética e sensível, para outra relação com o mundo, mais sustentável.

Nossos escritos articulam uma visão ampliada sobre bioética complexa e educação ecosófica planetária, que evidencia a necessidade de repensar a relação entre humanidade, conhecimento e natureza. Propomos, assim, a superação do colonialismo e do pensamento reducionista, ao valorizar múltiplos saberes para uma vida ética mais inclusiva e crítica. Nesse rebojo, a Educação Ecosófica Planetária surge como caminho para essa transformação, que favorece a interconexão entre seres humanos e meio ambiente, a inclusão e a responsabilidade coletiva.

Assim, a Educação Ecosófica, sobre a qual nos ancoramos em Guattari, Morin e Potter, propõe uma transformação subjetiva e epistemológica, que gera novas formas de conhecimento e relação com o mundo. Sua abordagem valoriza a sensibilidade, a interconexão entre os seres e a pluralidade dos saberes, rompendo com estruturas tradicionais e com base em um aprendizado rizomático e não linear.

Já a Ecopedagogia, fundamentada no pensamento Freireano, tem como princípio a educação crítica e emancipatória, que visa formar cidadãos conscientes de sua relação com o meio ambiente e comprometidos com a transformação social. Esse enfoque pedagógico considera a interdependência entre os seres humanos e a natureza, que propicia uma visão integrada da realidade e que reforça a responsabilidade ecológica. Sua prática é essencialmente dialógica e participativa, que fomenta o debate, a reflexão coletiva

e a construção do conhecimento a partir das experiências dos sujeitos. Sua definição pode ser expressa por Pereira *et al.* (2007):

[...] trata-se de uma pedagogia cujo objetivo é proporcionar discussões, reflexões e orientar a aprendizagem a partir da vivência cotidiana, subsidiada na percepção e no sentido das coisas, significativa para o aprendiz a ponto de mudar-lhe o comportamento e propiciar a sua interação com o meio em que esteja inserido (local e planetário), buscando a harmonia e a sustentabilidade (Pereira *et al.*, 2007, p. 86).

Difícil pensar nas diferenças entre Educação Ecosófica Planetária e Ecopedagogia, pois, como afirmou Gadotti (2009, p. 1), ao tratar dos termos “Ecopedagogia”, “Pedagogia da Terra”, “Pedagogia da Sustentabilidade”, “Educação Ambiental” e “Educação para a Cidadania Planetária”, conclui que são “conceitos e expressões diferentes e interconectados por um projeto comum”. Assim, são pequenas nuances que separam os conceitos, pois seus propósitos são os mesmos: a radical transformação do modo como vivemos individual, coletiva e socialmente e da maneira como lidamos com os recursos naturais, com os impactos negativos à biosfera e, de modo mais amplo e profundo, com a própria vida planetária.

Dessa forma, ao invés de tentar forçar a existência de fronteiras conceituais, preferimos tratar de uma Ecopedagogia Ecosófica Planetária Complexa. Trata-se de uma proposta decolonial, que se manifesta na reforma do pensamento. Isso porque não podemos, sob mentes coloniais, ser pensadores complexos que promovem a vida e a *planetariedade*. Aliás, tal qual Morin, preferimos o termo *planetarização*, pois “é mais complexo que globalização, por ser um termo radicalmente antropológico que expressa a inserção simbiótica, mas, ao mesmo tempo, estranha da humanidade no planeta Terra” (Morin; Ciurana; Motta, 2003, p. 63). Uma inserção *estranha* porque o ser humano tem vivido alienado da própria vida planetária, enquanto a Terra responde e emite sinais, desde sua criação, aos abusos cometidos contra sua existência. Somos natureza, como já afirmamos em nossas investigações.

É que a Terra ...

... não é só um lugar onde se espraia a globalização, mas uma totalidade complexa física/biológica/antropológica. Em outras palavras, é preciso compreender a vida como consequência da história da Terra e a humanidade como consequência da história da vida na terra (Morin; Ciurana; Motta, 2003, p. 63).

Nesse sentido, a decolonialidade planetária nos convida a reconhecer a urgência de libertar o planeta, já que as diversas formas de descaso em diferentes regiões e a maneira como o ser humano o agride são expressões da colonialidade, reproduzidas também na

educação. Por isso, o termo “planetária” carrega em si o significado da planetarização. Desmitificar, por exemplo, a colonialidade da natureza e a separação imposta entre ela e o ser humano é um passo fundamental para romper com essa opressão. Tudo isso sem perder de vista a complexidade do que significa ser humano: natureza-corpo-mente-alma-espírito-Deus (Rodríguez, 2022a).

Nesse sentido, a decolonialidade planetária-complexa deve se apoiar em uma visão inclusiva, livre das injustiças e do apagamento cultural na educação. É essencial reconhecer como a colonização impactou valores, famílias e a própria noção de solidariedade, que causa desigualdade e fragmentação. E isso começa com nossas ações em comunidade, especialmente na educação. A planetarização “é o respeito pelo nosso lar, que zela por nossos países com um sentimento transnacional, com um pé aqui e outro no planeta. É nos libertarmos de nossas parcelas de egoísmo e antigas rivalidades” (Rodríguez; Fortunato; Alves, 2022, p. 4).

Isso significa que não defendemos uma educação ambiental limitada a discursos pós-modernos que ainda carregam traços coloniais, ao centrar-se apenas em uma suposta consciência ambiental, que lida apenas aspectos da natureza e, pior, sob um olhar condescendente, como se precisasse ser *salva*. Nossa perspectiva, inspirada em Paulo Freire, amplia essa compreensão ao integrar também o social, o mental e o espiritual, que desencadeia um processo de conscientização que vai além do senso crítico tradicional (Rodríguez, 2022b). Como afirmou Paulo Freire:

[...] a conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente (Freire, 1979, p. 16).

Dessa forma, não acreditamos apenas em uma educação ambiental limitada, mas buscamos promover uma Ecopedagogia Ecosófica Planetária Complexa que seja conscientizadora, libertadora, comprometida com a vida e sua salvaguarda.

Como Freirianos, acreditamos que a conscientização e a tomada de consciência devem estar presentes em todos os espaços intersubjetivos onde a Ecopedagogia se faz necessária. Isso possibilita reconhecer as múltiplas subjetividades do ser humano, em qualquer tempo e lugar. “A educação Freiriana se revitaliza hoje como uma necessidade que devemos atender [...], como a utopia dos povos que se recusam a viver sob ações colonizadoras contaminadas, que os afastam de uma vida feliz e digna” (Rodríguez, 2022b, p. 116). Reafirmamos essa ideia como um caminho para avançar em direção a uma

Ecopedagogia Ecosófica Planetária Complexa, na qual se torna urgente uma educação libertadora, capaz de superar “a falsa consciência do mundo” (Freire, 1987, p. 43), produzida por uma colonização alienante da vida planetária.

Essa tomada de consciência crítica do pensamento Freireano pressupõe uma conscientização, a qual “deve ser entendida como um processo contínuo que envolve práxis, no sentido da relação dialética entre ação e reflexão” (Villalobos, 2000, p. 2019). Esse processo de conscientização não se dá de forma isolada, mas com múltiplas dimensões da vida. É nesse sentido que a ecosofia se insere, ao propor uma sabedoria que integra o ambiental, o social e o espiritual, que cultiva um olhar crítico e holístico sobre a existência. A conscientização, portanto, encontra na ecosofia um caminho para ampliar sua perspectiva, ao reconhecer a interdependência entre os seres e o meio. Essa visão interconectada também fundamenta a proposta da *Ecopedagogia – Transcomplexidade em Visões Rizomáticas* (Rodríguez, 2020), que articula complexidade e transdisciplinaridade na educação a partir de uma abordagem decolonial.

Já foi evidenciado, em Rodríguez (2020), que a Ecopedagogia é um termo que, sem a devida conscientização, carrega traços da pedagogia tradicional, bancária. Isso porque podem existir resquícios coloniais misturados a influências modernistas e pós-modernistas, que acabam por desviar seu propósito original. As evidências apresentadas na epígrafe do ensaio indicam que ainda há um longo caminho a percorrer. Esse percurso exige a incorporação do legado libertador de Paulo Freire, o aprofundamento de uma consciência ecosófica de Guattari e a assunção de uma antropoética complexa, alinhada à ética do humano proposta por Morin.

Por isso, falamos de uma Ecopedagogia Ecosófica Planetária Complexa que, por ser decolonial, adota uma visão transdisciplinar capaz de conectar diferentes saberes – físico, social, moral, estético, criativo e também espiritual (mas, sem amarras dogmáticas). Trata-se de buscar uma relação harmoniosa com Deus como fonte de sabedoria, e não de seguir religiões opressivas: 'Porque o Senhor é quem dá a sabedoria; de sua boca procedem o conhecimento e o entendimento' (Provérbios 2:6).

Paulo Freire trouxe contribuições fundamentais para a libertação, a decolonialidade e a educação como prática da liberdade. Seu pensamento nos convida a uma vida ética, digna e consciente, que ajuda a romper com a escuridão e o silêncio impostos aos oprimidos. A Ecopedagogia Ecosófica Planetária Complexa ainda tem muito a ganhar ao se inspirar nesses ensinamentos tão transformadores.

Não obstante, falamos em limite e colonialidade, pois é preciso reconhecer que a educação para a liberdade é rara, enquanto a educação para a obediência ao sistema global é predominante. Fala-se muito em autonomia, travestida de protagonismo e empreendedorismo – palavras norteadoras de um mundo neoliberal (Fortunato, 2023), organizado de forma opressora por um *jogo* supostamente meritocrático (Reimer, 1979). Por isso, é essencial retomar a práxis Freiriana, se desejamos uma vida planetária distinta da que temos. Precisamos aprender uns com os outros e resistir às injustiças e desigualdades que ainda nos cercam. Se a Ecopedagogia pretende realmente promover uma libertação integral, precisa enfrentar esses desafios de forma crítica.

Também é fundamental pensar de forma Freiriana diante de falsas soluções educacionais que se dizem ambientalistas, e diante de falsos instrumentos educacionais que se apresentam como ambientalistas, mas contribuem para a destruição ambiental. Tais soluções e instrumentos ensinam que, por meio do reducionismo, é possível justificar essa destruição, assim como fragmentam a complexidade da vida e promovem uma educação baseada em uma razão estéril, que ignora a profundidade da existência (Fortunato, 2017). Mas, isso não é educação. Para educar, é preciso compreender que a vida não se resume à razão instrumental e ao mundo material, pois ela também está na mente, na alma e no espírito. Educar para a transcendência da vida não é apenas um desafio do futuro, mas uma urgência da Ecopedagogia no presente.

Fato é que o legado de Paulo Freire contribui de forma decisiva para a Ecopedagogia, mas isso só acontece quando sua *práxis* é realmente vivida. Esse legado carrega a missão histórica de salvaguardar as civilizações do Sul, do Sul Global, dos povos marginalizados do planeta, que estabelece uma relação de respeito e correspondência com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo. Para isso, é fundamental romper com significados limitantes para tecer uma nova visão da vida, ao recuperar uma perspectiva complexa da vida e manter essa perspectiva dentro de uma pedagogia voltada para a formação cidadã e para a valorização da condição humana.

A Ecopedagogia, enquanto prática humanizadora, busca responder à crise da Terra, que é, na verdade, a crise da civilização como um todo. Nesse sentido, torna-se urgente o chamado à *recivilização* proposta por Morin, que nos ajuda a reconstruir nossos vínculos e responsabilidades com o planeta e uns com os outros. Isso exige uma mobilização de cidadãos engajados, capazes de construir novos caminhos para enfrentar os desafios da vida de forma ampla e complexa. Devemos ir além das questões simplificadas pela

educação ambiental, que reduz a natureza a um simples *ambiente* e coloca o ser humano como superior a ela.

A ética complexa Moriniana – antropológica, socioética, autoética – carrega elementos Freirianos para a Ecopedagogia que propomos, no sentido decolonial ecosófico complexo. Isso porque a dialogia, com profundidade dialética, traz sentido para uma educação com uma ética do cuidar, da salvaguarda, de pensar na vida com a grandiosidade da existência. É preciso pensar que a solidariedade, a sensibilidade, a afetividade e as emoções a partir de um *sentipensar* responsável, que leva em conta as consequências de nossas ações, principalmente as ambientalmente negativas, que prejudicam a natureza, portanto, a vida planetária. Educar para o trato com amor, cordialidade e cuidado mútuo, a comunhão em todos os sentidos; é a educação em comunidade, que Paulo Freire buscava em suas andanças, quando disse que ninguém educa ninguém, mas os seres humanos se educam, mediados pelo mundo e pelas comunidades.

A Ecopedagogia, dessa forma ecosófica, complexa, decolonial, promove sabedoria em meio à nossa complexidade.

Uma Ecopedagogia que vem de uma educação Freireana, libertária, crítica, marcada pela solidariedade cheia de amor.

Trata-se de uma Ecopedagogia que re-liga a separação artificial humano-natureza, sociedade-ambiente.

Uma Ecopedagogia dialógica que une, sem segregar, humano-Deus, humano-ecologia, homens-mulheres, global-local, simples-complexo, teoria-prática, educação-ética, ecosofia-diatopia...

Uma Ecopedagogia que exige uma formação de alto nível humano, que resiste ao pensamento isolado das disciplinas e se alinha com os problemas da Terra, que, repetimos, são, na verdade, problemas do ser humano, que habita a Terra e é apenas parte dela.

Exvoto. O autor do capítulo dedica as palavras a Paulo Freire, sábio educador. A autora do capítulo expressa seu agradecimento pela sabedoria que Deus lhe proporciona em meio à condição de domínio do planeta, de seu país. Agradece o perdão, o amor e a unidade a partir do amor a Jesus Cristo e de seu favor na graça concedida pela salvação. Da seca da vida que presencia, não surpreendida pelo que tem sido a desumanidade do ser, “portanto, tenham cuidado com a maneira de viver. Não vivam como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada momento oportuno, pois os dias são maus” (Efésios 5:15-16).

REFERÊNCIAS

BATISTA, B. N. Estratégias para ler e reler textos sobre ensino de Geografia. **Caderno de Geografia**, v. 31, n. 65, p. 482, 2021.

FORTUNATO, I. Cinco anos de narrativas ficcionais para pesquisa em educação ambiental: um balanço dessa experiência. **Educere**, Mérida, v. 21, n. 68, p. 57-63, 2017.

FORTUNATO, I. Sobre protagonistas empreendedores nas salas de aula, ou uma leitura crítica de termos neoliberais na educação. **Nuances**, Presidente Prudente, v. 34, p. e023007, 2023.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. 53p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia, Pedagogia da Terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária**. 2009. Texto online. <http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000137>. Acesso em: 28 out. 2024.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 104p.

MENEGHETTI, F. K. O que é um Ensaio-Teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

MOREIRA, T. R.; AGUIAR, F. C. Um ensaio sobre a escrita na Geografia: por um fazer-científico engajado. **Caderno de Geografia**, v. 34, n. 79, p. 1351, 2024.

MORIN, E.; CIURANA, E.; MOTTA, R. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003. 105p.

MORMUL, N. M. Eu professor?! Entre vivências e diálogos. **Caderno de Geografia**, v. 28, n. 54, p. 552–573, 2018.

PEREIRA, C. M. M. C.; MARÓN, J. R. L.; FREITAS, M. J. C. C.; MAGALHÃES, H. G. D. Ecopedagogia: uma nova pedagogia com propostas educacionais para o desenvolvimento sustentável. **ETD**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 80-89, 2007.

REIMER, E. **A escola está morta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 183p.

RODRÍGUEZ, M. E. Ecopedagogía - Transcomplejidad: Visiones Rizomáticas. **Ecopedagógica**, Durango, v. 3, n. 6, p.10-17, 2020.

RODRÍGUEZ, M. E. Somos natureza na Terra-pátria: visões decoloniais do complexo planetário. **Revista Educar Mais**, Pelotas, v. 6, n. 6, p. 209-220, 2022a.

RODRÍGUEZ, M. E. Concientización-concienciación Freiriana en el aula mente-espíritu como escuela hoy. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 27, n. 59, p. 97-118, 2022b.

RODRÍGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I. Bioética complexa e ecosofia como ética planetária: as contribuições de Potter e de Morin para uma educação mais humana. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 15, n. 34, p. e17918, 2022a.

RODRÍGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I. La complejidad de la Tierra-patria y la deconstrucción rizomática: pinceladas de la Educación Ecosófica Planetaria. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 15, n. 2, p. 196-210, 2022b.

RODRÍGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I.; ALVES, O. H. Desiderata de la Educación Decolonial Planetaria en re-ligajes complejos. **EduSer**, Bragança, v. 14, n. 2, p. 1-8, 2022.

RODRÍGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I.; RODRÍGUEZ, M. M. Contribuições em rizomas de Félix Guattari para a educação ecosófica planetária. **Nuances**, Presidente Prudente, v. 33, p. e022004, 2022.

ROSALENY, V. R. Montaigne. Ética en diálogos modernos: los Ensayos. **Estudios de Filosofía**, Antioquia, n. 54, p. 177-180, 2016.

SESSANO, P. Educación ambiental y transformación del sujeto pedagógico en transición civilizatoria. Una perspectiva desde Argentina. Ensayo para una eco-pedagogía decolonial. **Voces de la educación**, v. 9, n. 18, p. 75-99, 2024.

STAROBINSKI, J. É possível definir o ensaio? **Remate de Males**, v. 31, n. 1-2, p. 13-24, 2012.

VILLALOBOS, J. Educación y conscientización: legados del pensamiento y acción de Paulo Freire. **Educere**, Mérida, v. 4, n. 10, p. 17-24, 2000.

SOCIEDADES BÍBLICAS UNIDAS. **Santa Biblia**. Caracas: Versión Reina-Valera, 1960. 1184p.

Recebido: 27/04/2025

Aceito: 02/06/2025